

Fachada principal do palacio de Queluz — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 233)

QUELUZ, O PALACIO E QUINTA REAL

Logo que se aprompt aram n'este paço as accommodações indispensaveis para a familia real, foi esta ahi passar os mezes do verão; e assim continuou todos os annos, apesar da progressão das obras no palacio, por quanto os jardins concluiram-se em poucos annos.

Durante a vida do fundador deram-se em Queluz magnificas funcções, sem duvida as mais esplendidas e pomposas da nossa côrte nos tempos modernos. Faziam-se estas festividades no dia de S. João, no de S. Pedro, e nos anniversarios natalicios mais solemnes da familia real.

De manhã celebrava-se na capella real grande funcção religiosa com musica vocal e instrumental, executada pelos mais distinctos professores nacionaes e estrangeiros, que havia em Lisboa, além dos musicos da patriarchal. De tarde consistia o divertimento em apparatosas corridas de toiros, ou cavalhadas em que os cavalleiros ostentavam soberbos ginetes e custosas galas: diversões em que tomavam parte os fidalgos mais distinctos da côrte. Ao caír da noite illuminavam-se as fachadas do palacio, os jardins, e o parque. Depois resoavam as orchestras em harmonioso concerto nas vastas e magnificas salas, todas vestidas de espelhos, onde se multiplicavam ao infinito as numerosas luzes dos candelabros, dos lustres, e das placas: e onde se retratava a côrte em immenso auditorio resplandecente de diamantes e de sedas multicores recamadas de oiro.

Nos concertos tomavam parte, algumas vezes, a princeza, depois rainha, D. Maria, e as infantas suas irmãs, que, na opinião de alguns contemporaneos, tinham suavidade de voz, e cantavam com expressão. Mais tarde servia-se á côrte lauta ceia. Finalmente, quando a noite ia já adiantada, rompia dos jardins vistoso fogo de artificio, cujas mil phantasticas invenções se alternavam com os repuxos dos lagos, d'onde subiam as aguas como delgadas columnas de cristal, ou em graciosas espadanas que se cruzavam, ou n'outras variadissimas fórmas.

Depois que se construiu o theatro, sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes, e cuja abertura, na noite de 17 dezembro de 1778, serviu para solemnisar o primeiro anniversario de D. Maria I

como rainha, acrescentou-se o numero d'aquelles divertimentos com representações da opera lyrica.

Em consequencia do incendio que destruiu uma grande parte do palacio velho d'Ajuda, no fim do seculo passado, a familia real fixou a sua residencia em Queluz até ao anno de 1807, em que a invasão franceza a constrangeu a demandar asylo no Brasil, onde falleceu a rainha D. Maria I.

Regressando a Portugal el-rei D. João VI e sua familia em 1821, foi morar no paço de Queluz. Porém, pouco tempo depois, renovando-se as desintelligencias que havia muito existiam entre el-rei e a rainha D. Carlota Joaquina, sua esposa, mudou-se aquelle soberano com seus filhos para o palacio da Bemposta, em Lisboa, ficando a rainha, só com sua filha mais nova, a sra. infanta D. Anna de Jesus Maria, no paço de Queluz.

No periodo que se seguiu até ao fallecimento de D. João VI em março de 1826, e d'ahi até ao anno de 1828, em que a sra. infanta D. Isabel Maria entregou a regencia do reino a seu irmão o sr. D. Miguel de Bragança, o palacio de Queluz teve uma triste celebridade na historia de Portugal, como logar de conspiração permanente contra a liberdade dos portuguezes.

Em 1827 recebeu-se na capella d'este paço a sra. infanta D. Anna de Jesus Maria com o sr. marquez, hoje duque, de Loulé, e no dia 7 de janeiro de 1830 ahi se finou a imperatriz rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon. Até 1833 foi habitado o palacio pelo sr. D. Miguel de Bragança, e pelas sras. infantas D. Isabel Maria e D. Maria d'Assumpção. Depois ficou solitario até setembro de 1834, em que o sr. D. Pedro, duque de Bragança, e regente do reino, para alli se fez transportar nos ultimos dias da sua mortal enfermidade, com o proposito de render a Deus o derradeiro suspiro no proprio quarto onde nascêra. O libertador morreu no dia 24 de setembro nos braços de sua esposa a sra. imperatriz D. Amelia, duqueza de Bragança, e nos de sua agusta filha, a sra. D. Maria II.

Logo depois tornou a ficar solitario o palacio de Queluz, e desde então só tem sido habitada uma parte do edificio pelas antigas açafatas da casa real.

Em nossa opinião, o palacio de Queluz é a mais bella e agradavel de todas as habitações reaes que ha no paiz. Se não descobre largos horisontes como os palacios de Mafra e da Ajuda, porque lh'os limitam de um lado varias collinas e montes, e do outro os arvoredos do parque; se, apesar da sua grandeza, ainda assim não tem tanta vastidão como aquelles; é certo que a ambos leva muita vantagem na magnificencia das salas e mais aposentos; na deliciosa situação dos mesmos em torno e ao nivel dos jardins, ou sobranceiros aos laranjaes ajardinados; e na riqueza, formosura e amenidade da quinta.

Quem contemplar o palacio, quer da parte da estrada, quer da dos jardins, facilmente reconhecerá que o primeiro plano do architecto foi muito reformado e acrescentado quando as obras já iam muito adiantadas. É um composto de tantos corpos, differentes nas fórmas e na altura, uns recuados outros resaltando; são tantas e de tão diversa architectura as suas fachadas, que só em vôo de passaro se poderiam ver todas as frontarias do palacio para o lado dos jardins. Esta circunstancia porém é muito favoravel á perspectiva geral do edificio, impedindo que se ponham em confrontação immediata algumas partes, cuja alliança não póde deixar de repugnar aos olhos da arte.

Todavia, esta falta de harmonia no exterior e varios defeitos graves na distribuição interior, são compensados com algumas bellezas architectonicas parciaes, com a profusão de esculpturas, muitas d'ellas de gracioso desenho e bella execução, e com as ricas e exquisitas decorações dos aposentos, variando de gosto em cada sala, mas em todas de um lindo effeito.

Treze salas são vestidas de espelhos e guarnecidas de obra de talha doirada, em que se admiram delicadissimos lavores, tendo o pavimento de marmore de côres em xadrez, ou de madeiras de variadas côres e qualidades em embutidos de mui differentes feitios. A *sala das talhas* e a *das serenatas* são as principaes em grandeza e riqueza.

A primeira tem nos topos dois thronos, cujos doceis são sustentados por columnas oitavadas guarnecidas de espelhos e doiraduras; e do mesmo modo se vêem as paredes e portas. O pavimento é de marmore branco e azul em xadrez. No tecto está representado em pintura um grande concerto, ou *serenim*, como então lhe chamavam, em que figuram el-rei D. José e a rainha D. Marianna Victoria; o celebre mestre de musica David Peres, tocando cravo ao lado do soberano; a princeza D. Maria, mais tarde rainha, e as infantas D. Maria Francisca Benedicta, ao diante princeza do Brasil, D. Marianna Josepha, e D. Maria Dorothea, com papeis de solfa nas mãos, em acção de cantarem; o infante D. Pedro, depois rei, regendo o concerto, e muitas pessoas da côrte. Dão nome a esta sala preciosas talhas de porcelana do Japão, que a decoram, collocadas no pavimento sobre peanhas de madeira com ornatos relevados e vasados. Como indica a pintura do tecto, esta sala foi construida expressamente para os concertos da côrte; e com effeito alguns se executaram n'ella, porém depois passou a servir para os beijamãos e audiencias solemnes aos ministros estrangeiros, destinando-se para os concertos outra sala, á qual ficaram chamando *das serenatas*. Esta sala é maior, e muito mais esbelta e sumptuosa que a precedente. Paredes e portas tudo é coberto de alto a baixo de magnificos espelhos e de esculpturas doiradas.

Da *sala das talhas* segue para a direita uma galeria, de outras salas mais pequenas, mas egualmente ricas, ostentando no pavimento lindos mosaicos de madeira, e nas paredes imaginosos relevos doirados, ou prateados, e grandes espelhos tendo na metade inferior graciosas paizagens e figuras primorosamente pintadas no vidro. A ultima sala d'esta galeria occupa o elegante pavilhão que se vê representado na gravura a pag. 233 do numero antecedente.

É um logar historico, por ser a camara onde nasceu e veiu fallecer S. M. I. o sr. D. Pedro, duque de Bragança. Quasi tudo alli se conserva no estado em que o deixou o magnanimo principe ao entregar o espirito ao Creador. A cama, com a modesta roupa que a cobre, não condiz com a riqueza do aposento, mas revela os habitos singelos e a lhaneza de maneiras do soberano que fez consistir a sua maior gloria no titulo de primeiro soldado da liberdade [1].

Vêem-se n'esta camara tres paineis a oleo com os retratos do principe D. Antonio, filho primogenito del-rei D. João VI, fallecido de tenra edade; do infante de Hespanha D. Carlos, e de sua primeira mulher, a infanta de Portugal D. Maria Francisca, filha do mesmo monarcha.

Exteriormente é este edificio todo de marmore, profusamente decorado de columnas e pilastras doricas e jonicas, de balaustradas, estatuas, vasos, e outros ornamentos. No tympano sobre a grande janella do centro, da referida camara, está um baixo relevo esculpido com muita perfeição, e que representa uma festa de Baccho.

A capella principal do palacio fica no lado opposto dos jardins, com porta para a rua. É espaçosa e bem ornada. O oratorio particular encerra algumas obras

[1] Ultimamente foram roubados varios objectos que ornavam esta camara, mas passados poucos dias foram descobertos pelas pesquizas da auctoridade, e restituidos ao seu logar.

de arte de muito valor, entre as quaes sobresáem varios paineis de excellente pintura, e uma formosa columna de agatha, cujo fuste tem um metro e trinta e tres centimetros de altura, e sustenta uma estatua de S. Pedro, de prata, cinzelada com muito primor. Foi dada de presente pelo papa Pio VII a el-rei D. João VI.

São estas, em mui resumido quadro, as coisas mais notaveis d'este vastissimo palacio. A quinta corresponde-lhe, se o não excede, em magnificencia. N'esta qualidade, como em extensão, avantaja-se a todas as quintas de recreio que ha no reino.

São muitos, mui grandes e variados os jardins. Os principaes estendem-se diante das diversas fachadas do palacio. De todas as salas mais nobres se abrem portas de vidraças que communicam com estes jardins, que são adornados de numerosas estatuas e vasos de marmore, e de lagos de todos os tamanhos e feitios, com repuxos de muita diversidade de invenções, alguns d'elles guarnecidos de bellos grupos de figuras.

À saída d'estes jardins para o parque erguem-se dois altos pedestaes, servindo de base a duas estatuas equestres allegoricas da Fama. São de marmore, e foram esculpidas por Manuel Alves e Silvestre de Faria Lobo, segundo o desenho do mencionado architecto francez Robillon, que fez e dirigiu a planta e decorações dos jardins. Junto ás estatuas equestres, para o lado do parque, prolongam-se dois grandes tanques.

A quinta foi delineada conforme o gosto italiano. Largas e compridas ruas toldadas de arvoredo frondoso, cruzando-se em todas as direcções; jardins povoados de estatuas, de lagos e de viveiros de aves, entremeiando-se com as ruas do bosque; pomares de tangerinas ajardinados, e cortados de bellos lagos de marmore da feição de canaes; uma formosissima cascata; um jogo de bola grandioso e assombrado por gigantescas arvores, onde el-rei se aprazia de ostentar a sua força e agilidade; um jardim botanico, hoje pobre de plantas exoticas, com as suas duas estufas; em fim o rio, que atravessa a quinta encanado, guarnecido de assentos de pedra, de vasos e urnas, communicando-lhe as duas margens graciosas pontes, com suas casas de regalo, tudo isto orlado de copado arvoredo: tal é o delicioso parque de Queluz.

Ao parque segue-se a tapada, separada por uma cerca de muros. Tem basto arvoredo, muitas e espaçosas ruas, e abundancia de caça miuda.

Proximo da povoação, ao lado da alameda que conduz á entrada do palacio real, está uma bonita casa de campo, bem construida, de boa e ornamentada architectura. Pertence ao sr. marquez de Pombal, e foi edificada pelo segundo marquez do mesmo titulo, no tempo em que a corte teve residencia permanente em Queluz.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 232)

Os loiros de Vasco da Gama tinham pois corrido o lance de exornarem a fronte de Colombo. A Providencia, que havia traçado em seus planos maravilhosos o engrandecimento da civilisação e a propagação da verdadeira fé nas mais dilatadas regiões, deu a Colombo o que elle menos invejava, rasgando-lhe o véo mysterioso que encerrava um Novo Mundo, a Gama a honra de descobrir, *por mares nunca d'antes navegados*, o novo caminho do oriente. Ambos os navegadores eram necessarios aos designios da Providencia, como gloriosos operarios de uma inesperada reformação.

A Colombo pertence, todavia, a primitiva traça de uma longa circumnavegação. A idéa que elle buscára iniciar não ficou perdida nem esteril. Na sua esteira navegaram os mais arrojados mareantes. Ao passo que progrediam os descobrimentos na costa oriental do Novo Mundo, recrescia o mais ardente desejo de encontrar uma passagem que, pelo norte ou pelo sul, levasse ás appetecidas regiões do Cathay e do Japão.

Havia-se tornado evidente aos mais incredulos o serem todas as costas já descobertas do Novo Mundo pertencentes a um vasto continente, que ia para o sul prolongando o seu extenso litoral.

Depois da empreza, que immortalisou Colombo, o facto mais notavel e fecundo na historia das relações entre o antigo e o Novo Mundo é sem contestação o descobrimento do mar do sul e das costas occidentaes americanas, que tanto lustre accrescentaram ao nome de Balboa.

Alguns annos antes, o espirito eminente de Colombo se havia certificado de que ao occidente de Veragua havia um mar, ainda não frequentado de europeus, o qual (são as proprias palavras do almirante) poderia abrir caminho em menos de nove dias até á *Aurea Chersonesus* de Ptolomeu e á foz do rio Ganges. Lê-se n'uma carta de Colombo, que os litoraes oppostos de Veragua estão na mesma relativa situação em que demoram Tolosa no Mediterraneo e Fuenterabia na Biscaya, ou como Veneza no Adriatico, e Pisa na contracosta.

O descobrimento realisado por Balboa era a confirmação das idéas de Colombo.

O intento, sempre dominante, de buscar uma passagem directa, ao norte ou ao meio dia, para chegar no mais breve transito até ás desejadas regiões da especiaria, continuava a achar nos mais aventurosos navegadores os apostolos praticos da grande revolução que se julgava a ponto de operar-se na geographia, e no trato mercantil com os paizes orientaes. A civilisação esperava n'este momento um homem d'estes que a Providencia designa com o seu dedo omnipotente, quando tem determinado voltar mais uma folha no livro da sciencia e da civilisação.

IV

Fernão de Magalhães appareceu para continuar as façanhas e as glorias maritimas de Colombo, de Solis, e Vasco Nunes de Balboa.

Seis annos depois que Balboa (diz Alexandre de Humboldt) com a espada na mão se mettia nas ondas até ao joelho, e pensava tomar posse do mar do sul em nome de Castella, dois annos depois que a sua cabeça rolava no cepo do verdugo, quando foi a insurreição contra o despotico Pedrarias de Avila, cruzava Magalhães o mesmo mar do sudoeste ao noroeste n'um espaço de 1850 myriametros. [1]

Fernão de Magalhães começou a cursar os exercicios de guerra n'aquelle grande e lustroso theatro onde ceifavam as suas palmas, e os seus loiros, os Almeidas e os Albuquerques.

Educado na corte dos reis, ao serviço da rainha D. Leonor, e depois na de el-rei D. Manuel, não era o seu animo varonil e aventureiro para casar-se de boamente com o remansado viver dos paços, onde o ocio é apenas temperado pelas futeis occupações da etiqueta cortezã. Sentia-se por ventura enclausurado o espirito d'aquelle que de nada menos se satisfez, que de navegar extensos mares desconhecidos e legar o seu nome aos fastos mais illustres da moderna geographia.

Quasi logo ao principiar das gloriosas guerras da India se foi a provar fortuna, levando por mestre e capitão tão exemplar soldado como D. Francisco de Almeida, o qual ia então a governar e adiantar as conquistas portuguezas com titulo de seu primeiro vice-rei.

[1] Humboldt. Cosmos. t. II, p. 326. Trad. fr. de Galusky.

Logo a poucos passos se illustrou por uma acção nobilissima, que arguia ao mesmo tempo a sua galhardia, e brios de navegante, e a fidalga generosidade do seu grande coração.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

NOVICIADO DOS JESUITAS NO SITIO DA COTOVIA,

COLLEGIO DOS NOBRES, ESCHOLA POLYTECHNICA

I

No dia 22 de abril de 1843, um pavoroso incendio reduziu a cinzas o interior do edificio que a estampa desenha fielmente.

Tinha elle sido fundado em 1603 para casa de noviciado dos Jesuitas em Lisboa, mas só se concluiu no anno de 1619.

A historia d'esta fundação contribue muito para a das antiguidades de Lisboa, de que temos feito um amplissimo peculio n'este semanario. Por isso, a vamos recontar pelo que nos diz o P. Antonio Franco, na obra intitulada: *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na corte de Lisboa*, confrontada com outra obra que existe manuscripta na Bibliotheca nacional de Lisboa.

Referem as chronicas da Companhia, que esta ordem não se contentára com que os seus noviços tivessem um anno de provação como as mais religiões; e assim os obrigava a continuarem o noviciado por tempo de dois annos, ordenando que houvesse em cada provincia uma casa separada para educação dos noviços.

Em 1587 não havia ainda noviciado em Lisboa, pelo que na congregação provincial que se fez n'esse anno, concordou-se em pedir ao geral da Companhia, que então era Claudio Aquaviva, approvação para se fundar casa de noviços.

Obtida a concessão do superior, trataram os jesuitas de escolher sitio, o que fizeram pelo modo que refere o P. Franco, um dos bons classicos da nossa lingua.

«No anno de 1585 começou a ser da Companhia uma quinta n'aquelle sitio que se chama Campolide, na qual determinaram os padres se désse principio ao noviciado, em quanto se não edificava outra casa. O sr. Fernão Telles de Menezes, que fôra governador da India, e era regedor da justiça, e a sra. D. Maria de Noronha, sua mulher, tomaram por devoção fundar á Companhia em Lisboa casa especial para noviços.

Deram para esta fundação quinhentos mil réis de renda; o capital d'elles eram vinte mil cruzados, seis na quinta do Monte Olivete, no sitio da Cotovia, onde hoje está a casa dos irmãos noviços; o mais se deu em juros bem parados, que não ha porque os especificar; basta saber, que de raiz só deu a dita propriedade. Acceitada por nosso rev. padre geral a fundação, de que o dito senhor fez sua escriptura em 26 de dezembro de 1597, tendo já feito outra no Algarve, sendo alli governador, se deu ordem á dedicação da nova casa de noviços.

Foi feita esta dedicação em 18 de dezembro de 1597, dia da Expectação de Nossa Senhora, com titulo de sua gloriosa Assumpção, a quem a nova casa era consagrada, e tambem a capella da quinta em que se fazia. Mandára o padre provincial Christovão de Gouvêa vir de Coimbra e Evora até 15 noviços: d'elles era reitor o padre Antonio Mascarenhas. Disse missa na capella o padre provincial, e deu-lhes a communhão. Acharam-se presentes o sr. Fernão Telles de Menezes, fundador, o padre João de Madureira, preposito da casa de S. Roque, o padre Luiz Alvares, reitor do collegio de Santo Antão, e outros padres graves. Este padre Luiz Alvares não era o prégador celebre, já no dito anno fallecido, mas outro do mesmo nome.

Á mesa serviram n'aquelle dia o padre preposito, o padre reitor de Santo Antão, e o padre secretario da provincia, outro padre antigo leu á mesa. Houve em todos muita consolação espiritual, esperando os grandes bens que d'aquella nova casa haviam de resultar a esta provincia e a todas as missões d'esta corôa.

O primeiro reitor, como dito é, foi o padre Antonio Mascarenhas, homem illustrissimo por sangue, e mais por suas virtudes. Tres annos continuou aquelle governo, do qual foi promovido a ser reitor do collegio de Coimbra.

O primeiro noviço que em Campolide foi recebido, se chamava Antonio de Azevedo, natural de Lisboa; era sacerdote, tinha de edade 47 annos, homem fidalgo, que se achára na batalha del-rei D. Sebastião em Africa, e n'ella fôra captivo. Era de muita virtude, e havia dois annos pretendia ser da Companhia, o que se tinha dilatado por se duvidar se poderia com o trabalho, por ser enfermiço e de tenues forças. Porém Deus, que d'elle se queria servir, o favoreceu, e depois, andando annos, veiu a fallecer cheio de merecimentos na casa de S. Roque aos 22 de julho de 1632.

Ajudou muito com suas esmolas esta nova fundação. Além do movel de sua casa, lhe applicou uma pensão de cento e vinte mil réis em cada um anno, que lhe pagava o arcipreste de Lisboa, e outra que tinha no bispado de Vizeu.

A quinta de Campolide se dividiu em duas partes, uma ficou dos noviços, outra, com seu pomar, era da casa de S. Roque, que a possuia na fórma que as constituições permittem, uma quinta ás nossas casas professas. No anno de 1624, os nossos padres de S. Roque venderam tambem a outra parte á casa dos irmãos noviços, como lhe tinham vendido a primeira. D'elles é hoje toda esta propriedade, e lhes serve de quinta ordinaria em que vão passar seus dias de honesta e santa recreação.

Durou o noviciado em Campolide coisa de seis annos, porquanto no de 603 os padres pediram ao nosso padre geral se suspendesse, para se gastarem os rendimentos em o edificio do Monte Olivete.

Logo que se fez a dedicação acima referida, se poz todo o cuidado em buscar sitio em Lisboa para a nova casa. N'isto se foram passando muitos annos, sem apparecer coisa a contento, e com os necessarios commodos [1]. Dava suas queixas d'isso o fundador, que desejava ver com seus olhos promovida a obra que toda era sua. Por fim das diligencias resolveu o padre João Corrêa, provincial, que o edificio se levantasse na quinta do Monte Olivete, dada pelo fundador, no sitio da Cotovia, por ser o logar em que menos inconvenientes então se achavam; antes ficava em bom commodo, por estar pouco distante da cidade e da casa de S. Roque, ser o sitio de bellos prospectos, lavado dos ventos e sadio [2].

O que n'esta eleição deu mais cuidado, foi a pouca firmeza do solo, por ser cortado com muitas minas, feitas para tirar barro de oleiros, e só se achou firme no logar onde estava o monte. Alli se determinaram fosse a fabrica, não obstante o custo que havia de fazer o monte em se arrasar, para correr o edificio em pavimento egual.

Tomada esta resolução, se lançou a primeira pedra dia de S. Jorge, aos 23 de abril de 1603. A pedra tinha seis faces, e era quadrada por todas as partes.

[1] «Andaram os padres vendo e palpando diversos sitios, que não foram tão poucos que não digam as memorias d'aquelle tempo que seriam *uns vinte*, sem que os inconvenientes e incommodidades que se achavam em uns, e o excesso do preço que se encontrava em outros, deixassem tomar deliberação» — acrescenta o Mss. da Bibliotheca.

[2] Tendo poços de agua e logar largo para cêrca e horta — diz o citado Mss.

No quadrado supremo tinha, com letras gothicas, este letreiro: *Deo Trino, Uni, et B. Virg. jactus* 23 *aprilis, anno D.* 1603. *hora nona.* Em outro quadrado dizia o letreiro: *Ferdinando Telles de Menezes et D Maria de Noronha ejus* (e no seguinte lado) *Uxore Fundatoribus.* No outro quadrado dizia: *Papa Clemente* VIII. *Rege Philippo* III. Em outro tinha: *Præposito Generali Societatis Claudio Aquaviva, Provinciale Joanne Correa.* No quadro sexto não tinha letreiro, mas só uma pequena concavidade, que se tapava e enchia com capa da mesma pedra feita ao justo.

No dia de S. Jorge veiu o fundador e mais padres auctorisados de toda a provincia, que se acharam na congregação que se acabava de celebrar em S. Roque. Leram-se os letreiros, enramou-se a pedra com flores, e tendo o fundador na mão um cordão de seda, e o padre provincial outro, que, atados nas pontas da taboa sobre que estavã a pedra tambem atada, se começou a lançar devagar, dizendo o fundador ao padre provincial que lhe deitasse uma grande benção, e o padre provincial lhe disse certa oração. N'esta fórma, a som de charamellas, foi a pedra assentada no fundo do alicerce.

Antes de ir a baixo, se lançaram na concavidade d'ella algumas medalhas de Nossa Senhora, de S. Pedro e S. Paulo, do nosso P. Ignacio, e S. Xavier, alguns reaes de prata, e o fundador lançou um portuguez de oiro, moeda d'aquelle tempo, e se tapou a pedra. Feita esta solemnidade, se foram passar o dia em honesta recreação á quinta de Campolide, aonde viviam os irmãos noviços, que, como fica dito, em breve deixaram o posto, passando para Coimbra e Evora, em ordem a crescer o rendimento para os gastos do edificio.

Depois que se lançou a primeira pedra foi conti-



Antigo noviciado dos Jesuitas no sitio da Cotovia, incendiado em 22 de abril de 1843

nuando o edificio. Achou-se pedreira no fim da quinta e do monte, que se arrasou, e se tirou muita pedra para cal, muita areia e barro para tijolo, que não foi pequeno adjutorio da obra. Algum tempo correu com ella o nosso padre João Delgado, que fôra mestre de mathematica para os nossos no collegio de Coimbra, e para os de fóra no de Santo Antão em Lisboa.

No anno de 1605, aos 20 de março, se lançou a primeira pedra da egreja pelo bispo de Malaca D. Fr. Christovão, da ordem de S. Jeronimo, grande devoto da nossa Companhia. Era provincial o padre Antonio Mascarenhas. N'este tempo ainda vivia o fundador, mas não acho que assistisse. Até 607 correu com a obra o padre João Delgado, d'ahi até aos principios do anno de seiscentos e nove teve d'ella cuidado Balthasar Alvares, architecto das obras del-rei, o qual fez nova traça da egreja e capella-mór, e a fez mais custosa do que os padres imaginaram. Achou-se que a obra ia devagar, e que a continua assistencia dos nossos lhe fazia grande falta, pois só dois tinham a seu cuidado a obra e fazenda, e moravam no collegio de Santo Antão.

Por tanto, ordenou o padre vice-provincial, Martim de Mello, com os padres consultores da provincia, houvesse no Monte Olivete uma residencia de quatro religiosos nossos que tivessem cuidado das obras e fazenda. Com esta assistencia começou a obra a luzir a olhos vistos. Quiz a fundadora que em primeiro logar, se fizesse com calor a capella-mór da egreja, porque queria trazer a ella, e collocar em um mausoleo, os ossos de seu marido, Fernão Telles, que, com beneplacito do nosso padre geral, estavam depositados na sacristia da casa de S. Roque.

Mandou esta senhora fabricar um magestoso mausoleo de marmores, assentado sobre dois elephantes em um vão no lado do Evangelho da capella-mór. É a obra n'este genero grandiosa, e fez de custo tres mil cruzados. N'ella estão os ossos dos dois fundadores com o seguinte letreiro, que, por dar uma noticia d'estes senhores e seus fallecimentos, o quero aqui ajuntar com suas palavras:

«Aqui jazem Fernão Telles de Menezes, Camareyro mor, e Capitam dos Ginetes que foi do Infante Dom Luiz, e de Dona Catharina de Britto sua mulher: o

qual Fernam Telles foy do Conselho d'Estado d'El-Rei nosso Senhor, e governou o estado da India e o Reino do Algarve, e foi Regedor da Justiça da casa da Supplicaçam, e Presidente do Conselho da India e partes Ultramarinas, e sua mulher, Dona Maria de Noronha, filha de D. Francisco de Faro vedor da fazenda dos Reis Dom Sebastião, Dom Henriques, e Dona Mecia de Albuquerque sua primeira mulher: os quaes fundaram e dotaram esta casa da provação da Companhia de Jesus, e tomaram esta Capella mor para seu jazigo; faleceo Fernam Telles de Menezes aos vinte seis de Novembro de 1623.»

Continuou-se a obra do noviciado, mas com frouxidão, por falta de dinheiro; até que os padres acharam um bemfeitor da sua ordem que lhes concluiu o edificio.

Havia em Lisboa um flamengo chamado Lourenço Lombardo, natural de Anvers. Este saíra, trinta annos havia, da sua patria a buscar fortuna, veiu a Lisboa, e d'ella navegou á Mina. Ajuntou algum cabedal. Casou em Lisboa com a filha de um flamengo e de uma portugueza. Depois d'isto foi duas vezes á India. Por ser homem de grande meneio e industria, tratando e negociando, enriqueceu de maneira que era dos homens estrangeiros um dos mais ricos em Lisboa.

Sendo de edade de 50 annos começou a frequentar os sacramentos em S. Roque. Com intento de casar uma filha que tinha, edificou em o oiteiro que chamam *Moinho do Vento*, acima de S. Roque, as casas que hoje (1709) são de Francisco Barreto; e a rua de casas menores que ficam defronte d'ellas, para viver alli.

Ficando viuvo, deu partilha aos filhos e parentes; com o resto se recolheu a S. Roque, e d'alli á residencia do Monte Olivete, a fim de correr com as obras do edificio, que segundo sua grande intelligencia, e disposição n'estas coisas, nenhum outro o poderia egualmente adiantar.

Foi o irmão Lombardo adiantando o edificio, e tudo a olhos vistos crescia; nas suas mãos o pouco valia muito, e os seus quinze mil cruzados dispendidos por elle valeram outro tanto.

O que antes se não fazia com seiscentos mil réis, elle o fazia com duzentos, e ainda menos. Em de tres annos e meio poz o edificio capaz de se habitar; e acabou a egreja, que é mui airosa».

Esta egreja, além da capella-mór, onde estava o tumulo do fundador, como já dissemos, tinha mais tres capellas de cada lado, mui bem ornadas.

O noviciado era de dois pavimentos, e tinha uma grande cerca.

A frontaria olhava para o sul, tendo diante um taboleiro, de altura de uma lança (como se expressa o auctor do já citado Mss). Ao centro ficava a egreja, e nas extremidades as portarias com seus alpendres.

Tal é em resumo a curiosa historia da fundação do noviciado do Monte Olivete, depois chamado da Cotovia.

Segue-se referirmos como foi transformado em Collegio dos Nobres pelo marquez de Pombal.

ORTOHPEDIA

MODO DE VULGARISAR OS NOVOS CONHECIMENTOS MEDICOS EM PORTUGAL

(Vid. pag. 95)

«Quando se trata de introduzir alguma opinião nova, a prevenção contraria não só tira a sua força do prejuizo inveterado em favor da antiga, como tambem da idéa falsa e anticipada que se faz da nova».

BACON.

«Prefiro soffrer as feridas dos dardos que a inveja arremessa á novidade, a seguir seguro e adormecido o caminho de antigos erros».

RALEIG.

Ha em Portugal tres mil e oitocentos rachiticos. Esta estatistica mostrou-me a utilidade de estudar o modo possivel de curar estes individuos. Entende-se cura — o desdobramento da espinha dorsal, o desfazimento das gibbas, fazendo chegar ou aproximar estes doentes do typo normal.

O rachitismo consiste na encurvadura das vertebras por effeito do retardamento na deposição da materia animal e mineral nos ossos vivos, causando gibbas antero-posteriores e lateraes na caixa thoracica, que desfiguram a fórma natural. *What is the physical state of the system which regulates the proportion of the earthy and animal matter in living bone?* Pergunta Bishop no seu tratado das disformidades do corpo humano. É este um dos problemas em que não estão concordes os orthopedistas.

Outro problema não menos importante é determinar e conhecer a epocha da vida em que se devem tentar as curas.

O principio que deve guiar o pratico na indagação da opportunidade, é saber determinar o que se entende por *estado eburneo* dos ossos. Logo que se conheça este estado, não se deve tentar a cura. A edade não é sempre um bom guia; porém póde determinar-se dos 8 aos 14 annos, sendo mal tentada a cura desta edade em diante.

Differençar o rachitismo da doença de Pott, é ainda um problema no principio d'estas duas doenças; porque a primeira é quasi sempre curavel, e a segunda é quasi sempre mortal. Ambas ellas formam gibbas.

Postos estes principios vejamos

OS MEUS THEOREMAS

Dans les sciences, il n'y a rien de plus simple que ce qui a été inventé hier, mais rien de plus difficile que ce qui sera inventé demain.

BIOT.

1.º *Theorema physiologico:* A altura de um individuo, e a capacidade thoracica durante a epocha do desenvolvimento augmenta na razão directa da edade.

Vid. a gravura a pag. 247.

2.º *Theorema pathologico:* No rachitismo (*corcova*, corcunda) lateral e antero-posterior, a altura de um individuo, e a capacidade thoracica (além da disformidade, que augmenta sempre) diminuem na razão directa da edade.

Vid. as gravuras a pag. 248.

3.º *Theorema pathologico:* O rachitismo thoracico nas mulheres, segundo as observações feitas por insignes parteiros, alterna com o da bacia.

4.º *Theorema pathologico:* O estado valetudinario dos rachiticos, e a phthisica pulmonar que costuma apparecer n'estes doentes e a acompanhal-os, dependem da compressão que soffrem os orgãos nobres, coração, pulmão, figado, etc, em consequencia do dobramento dos ossos, e da diminuição (sempre progressiva) da capacidade thoracica.

5.º *Theorema pathologico:* Os ossos não se endireitam, nem em tempo algum se endireitaram, com ares de campo, banhos do mar, uso interno dos preparados de ferro, oleo de figado de bacalhau, etc.

Achar na sciencia os meios de desdobrar os ossos, e de levar estes doentes ao typo normal, representado no primeiro theorema, é achar a demonstração pratica e possivel da cura do rachitismo.

Conseguir este fim, sem lesar nem ferir as crianças com o uso dos apparelhos orthopedicos, ou de applicação immediata, é pôr de parte tudo quanto se acha escripto por auctores de grande vulto contra a applicação dos apparelhos. É verdade que os mais severos criticos não foram de certo os que mais conhecimentos praticos tinham n'esta materia.

Ainda assim, estudados os inconvenientes da applicação immediata dos apparelhos, tivemos de procurar o possivel, descendo (se é descer!) das altas regiões da sciencia para a officina de cutelaria, apresentando

o nosso plano de apparelho, fundado nas seguintes e especialissimas condições:

1.° Ser feito de laminas elasticas de aço, cuja resistencia e flexibilidade permittissem ao doente os movimentos naturaes, oppondo-se aos anormaes.

2.° Facultar os movimentos de inspiração e expiração, sem estar a caixa thoracica opprimida ou desamparada.

3.° Determinar as regiões do corpo em que se deviam fazer as pressões sem perigo, nem grave incommodo para as crianças.

4.° Poder o apparelho acompanhar a evolução e desenvolvimento naturaes da criança, sem que de modo algum ficassem os orgãos condemnados á inacção, ou o apparelho tolhesse o crescimento da criança.

5.° Achar artistas portuguezes capazes de desempenhar este plano [1].

Realisado este plano, o meu espirito não estava tranquillo; porque a criança não podia ter em plena actividade os orgãos de movimento, e n'este caso conseguia, é verdade, endireitar os ossos, mas os musculos atrophiavam-se pela inacção a que ficavam condemnados.

A gymnastica medica, ramo estudado com particular solicitude na sábia Allemanha, tirou-me das difficuldades em que me achava para resolver este problema. Assim, tive de estudar os trabalhos de Ling em Stockholmo; a Kinesitherapia, ou cura das molestias pelo movimento, de A. Gerorgii; o Tratado de gymnastica, ou Curso de exercicios apropriados á educação physica dos dois sexos, de Ch. Heisser. Auxiliado por estes estudos complexos, conquistei a cura de duas meninas, de uma das quaes curas apresento a historia [2].

BREVE NOTICIA ÁCERCA DA DOENÇA (RACHITISMO LATERAL, DO LADO DIREITO) DA MENINA... FILHA DO SR... TRATADA COM APPARELHOS GYMNASTICOS (INDIRECTOS) E ORTHOPEDICOS (DE APPLICAÇÃO DIRECTA E PERMANENTE).

Il y a au monde quelque chose qui vaut mieux que les juissances matérielles, mieux que la fortune, mieux que la santé elle-même, c'est le dévouement à la science.

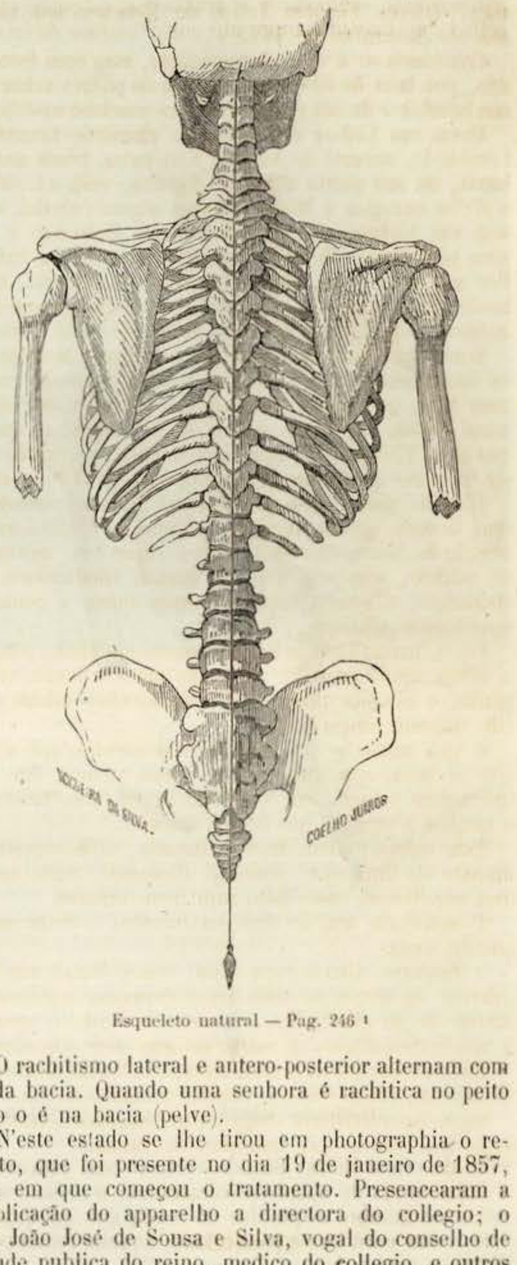
AUGUSTIN THIERRY.

Estado da doente antes de principiar o tratamento. — A menina F., de 12 annos de idade, natural de... achando-se a educar no collegio de D. M. M., tinha o rachitismo lateral direito, em toda a região da espinha dorsal, representando esta uma curva similhante ao arco de uma bengala, havendo uma gibba em toda a caixa thoracica do lado direito, e concavidade do lado esquerdo: as ultimas vertebras cervicaes descreviam com as primeiras dorsaes uma convexidade para o lado esquerdo; egual curva indicavam as ultimas dorsaes com as primeiras lombares; a espadoa direita levantada pela gibba, e como que chegada ao pescoço; a esquerda descaída, pendente e afastada d'este.

As costellas do lado direito levantadas em abobada, e afastadas da crista iliaca direita, como que rodando com a espadoa para a parte posterior; as esquerdas cravadas para a linha mediana e para dentro da caixa thoracica, e mettidas as falsas costellas na grande bacia.

O lado esquerdo do peito rodava para a frente; o direito rodava para traz, de modo que os hombros não descreviam a vertical com as espinhas iliacas correspondentes: tirando uma vertical da apophyse coracoidea do hombro esquerdo, esta iria caír na arcada pubica esquerda, e fazendo-se o mesmo do lado direito iria caír na articulação sacro-iliaca direita.

A menina tinha a côr macilenta; molleza geral, fraqueza, pouca aptidão para o estudo, comia mal; em fim, tinha aquelle estado geral proprio dos rachiticos.



Esqueleto natural — Pag. 246 [1]

O rachitismo lateral e antero-posterior alternam com o da bacia. Quando uma senhora é rachitica no peito não o é na bacia (pelve).

N'este estado se lhe tirou em photographia o retrato, que foi presente no dia 19 de janeiro de 1857, dia em que começou o tratamento. Presencearam a applicação do apparelho a directora do collegio; o sr. João José de Sousa e Silva, vogal do conselho de saude publica do reino, medico do collegio, e outros senhores de merecida confiança e importancia social.

Conhece este facto o sr. João Maria de Castro Guedes, da secretaria da justiça, e muitos outros individuos e familias.

Mediu-se a altura da menina antes de posto o apparelho, estando ella calçada com sapatos novos e com tacão alto, e tinha a altura de seis palmos, 2 pollegadas e 3 linhas. Depois de posto o apparelho, foi novamente medida e cresceu mais em altura 7 linhas

[1] O habilissimo artista portuguez, em presença dos meus modelos e das minhas indicações, comprehendeu e executou este plano e apparelho, nem de outro modo elle executará apparelhos d'esta ordem e tão complexos.

Ainda me refiro aqui á cutelaria do sr. Antonio Polycarpo.

[2] Estas meninas, felizmente, tinham paes ricos, que poderam fazer face ás despezas necessarias para estas curas. Para os pobres o problema é de meios. N'este caso fique consignada aqui a lembrança do que a este respeito escrevi na minha carta a s. exc. o marechal duque de Saldanha ácerca do seu opusculo: *Estado da Medicina* em 1858, pag. 27., propondo a creação de um instituto orthopedico custeado pelo governo, de outro modo ficarão por curar os pobres, por mais *cordial que seja a abnegação medica.*

[1] Desenhos do sr. Nogueira da Silva. Copia dos esqueletos que existem no gabinete anatomico-pathologico da escóla medico-cirurgica de Lisboa.

e meia, isto é, desdobrou das curvas da espinha as 7 linhas e meia.

Que mudanças soffreu a menina? Fez uso do apparelho directo desde 19 de janeiro de 1857 até 26 de março de 1861, dia em que lhe tirei o apparelho para ir passar alguns dias fóra do collegio, na companhia de uma familia da amizade e plena confiança de seu pae.

Desde este dia em diante cessou a acção do apparelho directo, e ficou no uso constante dos exercicios gymnasticos, methodicos e graduados, os quaes aconselhei que fizesse sempre até aos 20 annos de edade.

Durante estes quatro annos de tratamento não tomou remedio algum interno, principio contrario ao que se acha escripto nos «auctores de maior nota», ficando subordinada ao «meu plano exclusivo».

A menina obteve, por effeito d'este tratamento methodicamente dirigido:

1.º A altura de 6 palmos e cinco pollegadas. Esta medida foi tirada sem apparelho, tendo a menina sapatos velhos, rasos e sem tacão, no dia 10 de abril de 1861: cresceu *mais duas pollegadas e cinco linhas* durante este tempo do curativo.

2.º A rotação do hombro direito para o lado di-



Rachitismo lateral

Vid. pag. 246



Rachitismo antero-posterior [1]

reito da crista iliaca, ficando vertical com esta crista a linha tirada da apophyse coracoidea; o mesmo succedeu ao hombro esquerdo; de modo que em quanto este rodou para traz e para o lado, aquelle rodou para diante e para o lado.

3.º Pelo desdobramento das curvas da espinha (columna vertebral) obteve: primeiro tirar as falsas costellas do lado esquerdo de dentro da grande bacia; segundo ampliar a cavidade esquerda do peito, dissipando-se a concavidade que havia, e facultando a livre funcção do coração, e do pulmão esquerdo.

4.º Não ficar com uma *gibba* similhante á *mochila de um soldado*, quadro este que representam todos os rachiticos tratados com banhos do mar, oleo de figado de bacalhau, ferro, ares do campo, etc. D'este aleijão resta uma pequena elevação que rodou para baixo da axilla direita.

5.º Nunca teve doença alguma que interrompesse o tratamento, e conseguiu: excellente côr, optima saude, (quaes são os rachiticos que a tem?), mais vida, mais viveza, mais animação, mais intelligencia, mais dedicação ao estudo, podendo aprender a cantar *debaixo da acção do apparelho.*

6.º Evitou de futuro, no caso de casar, o morrer de parto, pelo embaraço que lhe causariam as costellas esquerdas mettidas na grande bacia.

7.º Desdobrou a curva desenhada pelas ultimas vertebras dorsaes e primeiras lombaes, deixando de fazer proeminencia para a grande bacia, outro obstaculo vencido, que concorrerá egualmente para os partos felizes, no caso de casar.

Outubro 15 — 1863 BRILHANTE.

[1] As linhas verticaes demonstram que o centro de gravidade está fóra do estado physiologico.